

DO AMOR E SEU AVESSO

Uma apologia da traição



Lucas Charafeddine Bulamah

PAIDÓS

DO AMOR E SEU AVESSO

Uma apologia da traição

PAIDÓS

Lucas Charafeddine Bulamah

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Lucas Charafeddine Bulamah, 2026

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Todos os direitos reservados.

Preparação: Ana Maria Fiorini

Revisão: Fernanda França e Fernanda Guerriero Antunes

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Sandra Fava

Imagem de capa: © Maria Silent / Trevillion Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bulamah, Lucas

Do amor e seu avesso : uma apologia da traição / Lucas Charafeddine Bulamah.

– São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

176 p.

ISBN 978-85-422-4358-1

1. Psicanálise 2. Sexualidade 3. Relação interpessoais I. Título

26-2703

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo-SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

- 10 APRESENTAÇÃO, *por Fábio Belo*
- 12 PREFÁCIO: Nas trincheiras do erotismo,
por Lígia Gonçalves Diniz
- 23 PRÓLOGO: O grande segredo sobre o sexo

ARQUEOLOGIA INFANTIL DA CAFETINAGEM

- 35 Sexo e o sexual
- 38 Romances familiares
- 44 Um remédio contra o casamento
- 47 A sexualidade infantil
- 51 Eu contra o sexual
- 57 A ciência da traição
- 61 *Dramatis personae*
- 65 Regressão
- 69 Dependência

PROMESSAS DESCUMPRIDAS

- 77 *Fidelio*
- 82 Segredos de fora da alcova
- 85 Por que diabos queremos ser especiais?
- 88 Pessoas felizes traem?
- 90 O ciúme do ateu
- 92 E não tem a ver só com sexo...

- 95 ... mas é quase sempre sexo
98 Os infiéis e seus duplos
102 Somos um *Teams*
106 Por que traímos?

PROMESSAS RENOVADAS

- 111 Meio é massagem
115 Swingers
118 Relações abertas
122 A imunização racional
126 Que território é o amor?
128 Taxidermias morais
131 Por uma anticomunidade dos desiguais

... E SE FODEMOS?

- 139 A tesoura do desejo
143 Em direção ao outro
146 A cura pelo amor
151 Destruir e recriar
156 Jogando nas bordas
159 Contra a intimidade
163 E, mesmo assim, a vida presta

- 169 EPÍLOGO: O ódio ao sexo e o governo do sexual

Sexo e o sexual

É um pouco exagerado dizer que Freud inventou o sexo,¹ mas há fortes sinais de que Freud inventou o sexual.² Há pelo menos algumas décadas, quando pensamos (e fazemos) o sexual, é quase impossível tirar Freud do mesmo ambiente. E mesmo sua inclusão passiva ou recusa ativa marcam a presença do psicanalista em nossa imaginação erótica.

Alguns dirão que o sexual é coextensivo ao sexo, o que não é bem verdade. Sexo, em suas definições menos estimulantes, significa o conjunto de caracteres anatômicos e fisiológicos que, entre os seres, voltam-se à reprodução. Refere-se também à prática de pegar esses mesmos caracteres e colocá-los em contato para fazer filhotinhos

1 Há um intenso debate sobre a invenção do sexo que toca não apenas a prática sexual supostamente natural, mas também o sexo biológico. Mesmo escapando do escopo deste livro, não quero deixar de remeter o leitor ao fundamental *Inventando o sexo*, de Thomas Laqueur.

2 Muitos autores, como Gayle Rubin, Tim Dean e Alenka Zupančič apresentam o que descrevo aqui como “o sexual” apenas como “sexo”. Não ousou chegar a tanto, e prefiro preservar a distinção. Para mais aprofundamentos, recomendo *O gênero, o sexo e o sexual*, de Jean Laplanche.

e, para as espécies mais afortunadas (há controvérsias), experimentar alguma quantidade de prazer.

Se eles parecem sinônimos, é porque passaram anos dividindo o mesmo leito nupcial da privacidade dos lençóis burgueses. Isso não é pouca coisa, mas não se engane. Se um reivindica toda a carência biológica da reprodução e da técnica, o outro reivindica pouco mais que a pura esbórnia.

Em muitos sentidos, quando transamos, fazemos coisas com a língua: a língua como massa abstrata de signos que transportam significados quase nunca muito claros e, também, a língua como o tecido úmido que primeiro saboreia o outro que engolimos enquanto o trituramos, em uma digestão que raramente é nutritiva.³

Erro ingênuo é esse de achar que transamos apenas com a língua, assim como é outro ainda mais grosseiro cravar que transamos somente com o corpo, como se este não fosse o repositório de muitos outros e um tanto de baba que estes mesmos outros deixaram em nossa pele. Confusão de superfícies excitadas, mensagens, enigmas e pulsões se entrelaçam nessa suruba: a única forma que o erotismo toma entre nós, humanos, é a amorfia. E tentamos o tempo todo nos convencer de que se trata apenas da interação de duas pessoas.

3 E está correto quem suspeita que não é apenas na transa propriamente dita que esse tipo de intercâmbio acontece em nossas relações. Para todos os efeitos, basta comparar com a cena erótica que permanentemente tentamos dessexualizar: a interação entre um bebê e seus cuidadores. Retornaremos a isso em breve.

Freud não chegou a dizer categoricamente que o sexo está, *a priori*, separado do sexual, mas deu muitas pistas para tanto. Pistas que alguns de seus seguidores mais criativos fizeram questão de percorrer e expandir além do texto, na ausência das barreiras linguísticas que constrangiam o inventor da psicanálise, e por questões morais e ambições pessoais também. Certamente, inclusive pela aspiração de tornar a psicanálise respeitável nos círculos científicos mais austeros.

O inventor da psicanálise não foi capaz de realizar essa última intenção. Pelo menos, não totalmente, e por isso deveríamos ser gratos. Não que seus seguidores tenham deixado de lado o projeto de aceitação e respeitabilidade. E estes sim foram muito bem-sucedidos. O sexual depois de Freud – exceto em alguns momentos e por alguns autores mais malandros – voltou a se tornar algo frio, distante, rebaixado para alguma masmorra abaixo do solário da intimidade e do cuidado ou, quando muito, circunscrito apenas ao ato adulto de fazer amorzinho.

E quando muito mesmo, porque o destino do sexual, depois de Freud, hoje é consumido com garfo e faca (um par de cada) e um guardanapo preso à gravata nos jantares de gala da Associação Psicanalítica Internacional.

Jantares em que se servem iguarias da culinária inglesa e norte-americana.

Romances familiares

Fria, distante e circunscrita apenas ao *coitus naturalis*. Era essa a norma da sexualidade na sociedade europeia que serviu de berço a Freud. Um filho incômodo por sua judeidade, marcado tanto em sua biografia como em sua produção intelectual pela exclusão que viu e sofreu desde muito cedo.⁴

Marginalidade perniciosa que afastava Freud de seus admirados mestres Meynert, Brücke, Charcot e Brentano e dos sexólogos mais influentes da época, como Krafft-Ebing e Havelock Ellis. Mestres em sua maioria europeus e cristãos, o que os deixava muito bem acomodados nos círculos científicos e acadêmicos. Em compensação, feito penetra na festa dos respeitáveis, Freud carregava em sua algibeira autores que o tempo iria coroar como pioneiros do gênero literário poderoso e controverso chamado “romance burguês”.⁵

4 Peter Gay cobre esse tema muito bem na biografia definitiva do vienense, *Freud: uma vida para o nosso tempo*.

5 Uso aqui a terminologia e a demarcação literária de Tony Tanner, articulada em seu livro *Adultery in the Novel* [Adulterio no Romance]. Para o autor, o romance burguês começa na Inglaterra em meados do século 18, com a ascensão da burguesia e do contrato social liberal.

A principal atitude dos autores desse gênero literário foi contestar a estabilidade da moral e da sociedade burguesa, projetando suas críticas sobre a instituição central: o casamento, cerne reprodutivo da propriedade privada, do contrato liberal e da dominação masculina. E o veículo que utilizavam para animar seus ataques não poderia ser outro senão o maior agente de desordem que atentava contra a unidade reprodutora sagrada do casamento, expondo sua fragilidade: a mulher adúltera.⁶

Freud, sempre um leitor ávido, viveu seus anos formativos no auge da popularidade dessa literatura que nasceu como uma filha indesejada do tempo. Não precisamos de provas de que o psicanalista leu o romance burguês; basta observar a clara afinidade de ânimo. Por baixo da cobertura pomposa de investigação e pioneirismo científico que a recobria, o que seria a histeria se não um consenso médico a respeito de uma mulher, que atua em seu corpo a força explosiva que as adúlteras das nove-

O gênero duraria até sua exaustão, justamente quando a mulher adúltera se torna um personagem inescapável, em meados do século 19, tempo de Anna Karenina e Madame Bovary.

- 6 Emma Bovary, Capitu e Bentinho, Anna Karenina, Luísa de Brito e Connie Chatterley, para citar apenas os mais conhecidos. Quanto a Bentinho, alguém que até tenha concordado com minha argumentação até aqui poderia contestá-la agora dizendo que Bentinho é o maior exemplo do machismo paranoico. Minha sugestão é a de que a dominação masculina não se orgulharia muito de um exemplar como o alcunhado Dom Casmurro, justamente por representar a crise e a fragilidade do patriarca, engolido pela ressaca e ilhado na justificação ruminante que é seu livro.

las levavam para o quarto de seus amantes? (Se isso lhe soa exagerado, aguarde até o próximo fragmento.)

Depois de dar ouvidos à histeria e teorizar a saúde e a doença neurótica como atitudes que tomamos frente ao casamento de nossos pais, Freud finalmente encontrou sua própria Emma Bovary. A força sexual da criança e a formatação de suas interdições terão para o psicanalista o mesmo propósito que a mulher adúltera para os romancistas que ele conheceu na juventude. Se serviu por um breve momento para também criticar a instituição frágil do casamento, foi principalmente para apontar o quanto a moralidade emerge da ressaca da mais grave talaricagem.

Intenção ou coincidência – das quais aprendemos com Freud a sempre suspeitar –, esse propósito compartilhado recebe uma ilustração radical em um texto de 1909 chamado, surpreendentemente, “O romance familiar dos neuróticos”.

Vamos direto ao ponto: frente ao choque poderoso com sua própria exclusão do quarto dos pais, em “O romance familiar...” Freud encena na mente da criança-protagonista um teatro obsceno:⁷

7 Frequentemente, descreve-se o inconsciente como “a outra cena”. Jun-tando essa descrição com a etimologia da palavra “obscena” – fora da cena ou aquilo que deve ficar de fora dela –, temos motivos de sobra para pensar no quarto dos pais como um teatro clandestino da imagi-nação sexual da criança.

Com o conhecimento dos fatos sexuais, surge o pendor a imaginar situações e relações eróticas, em que a força motriz é o desejo de colocar a mãe, o objeto da mais intensa curiosidade sexual, na situação de secreta infidelidade e secretos casos amorosos. Desse modo, aquelas primeiras fantasias sexuais, por assim dizer, são levadas à altura do conhecimento de então.⁸

O que Freud capta nessa passagem (sem nomear assim) é algo que Jean Laplanche elaborou décadas depois com toda a consequência: o adulto que cuida não transmite apenas afeto e alimento. Transmite também o excesso de seu próprio inconsciente, a excitação que transborda de seu corpo sem que ele saiba ou queira. O bebê recebe essas mensagens antes de ter qualquer aparelho para decifrá-las. São enigmas, não comunicações. Cartinhas pornográficas, poderíamos dizer, cujo remetente não sabe que escreveu e cujo destinatário não sabe ler. O sexual começa aí, não como instinto ou impulso biológico, mas como resíduo insolúvel desse encontro assimétrico.

A criança não sabe o que fazer com duas coisas. Uma que carrega desde cedo e a outra que se intensifica progressivamente. A princípio está seu elo com o primeiro objeto de amor, sua figura primária de cuidado e a fonte de inscrições enigmáticas em seu corpo. Em segundo

8 Aqui e em todas as outras citações diretas de textos de Freud que trago, uso como base as edições das Obras Completas, publicadas pela Companhia das Letras, na tradução de Paulo César de Souza.

lugar, o enlace da linguagem com essas mesmas cartas guardadas em seu corpo. Ou seja, o sexual.

Com efeito, “aquelas primeiras fantasias sexuais”, recobertas anteriormente por uma controversa, porém curta inocência, agora habitariam o “conhecimento de então” no recrutamento de uma figura incendiária: a mãe adúltera rodando exuberante por aí.

Antes de seguir, uma ressalva importante. Quando escrevo pai, mãe, quarto dos pais, muito mais do que entidades físicas e definidas pela biologia ou mesmo pelo gênero, estou falando de efeitos de discurso. Efeitos de cultura, portanto, encarnados em corpos e arranjos arquitetônicos. Então, pouco importa se haja um pai homem, uma mãe mulher, duas mães masculinas ou apenas um pai indiscretamente feminino. A questão definitivamente não é o corpo e o gênero, mas o que faz um corpo habitado pelas mensagens de um outro corpo que as emite.

Principalmente porque são sempre mensagens muito difíceis de decifrar. Difíceis para a criança, mas igualmente difíceis para quem as emite. O adulto que cuida não domina o que transmite; o sexual que implanta na criança excede o que ele próprio conhece de si. A sedução não é uma intenção, é um transbordamento de alteridade.

Se tudo isso parece ainda muito estranho, uma coisa vale marcar. As cartinhas sussurradas circulam da boca aos ouvidos, ou dos mamilos à boca, e mesmo que sejam algo abstrato, seus efeitos são muito reais. As pressões que movem nossos corpos não são nada menos que a ressonância desses mesmos efeitos. E, por falar em efeitos, a

exclusão que sentimos por levar esse corpo excitado até o limite é muito real e muito dolorosa.

Com a violência da exclusão, o sexual que o adulto inconscientemente depositou se converte na imaginação própria da criança. Imaginação que bate na porta do quarto dos pais e quica de volta para ela, acrescida de ainda mais excitação depois de perceber e sofrer a interdição. E é por isso que o fundamento de nossa imaginação é sempre sexual, mesmo que não se resuma ou se restrinja ao sexo.

“O que fazem os dois nesse cômodo?”, “Por que ela se deita com esse patife?”, “Se essa mulher é uma adúltera e depravada, pode ser que em suas saídas eu volte a encontrá-la?”, “Nossa, como eu amo essa ópera chamada *Carmen*.”⁹ A pornografia, outro nome para a substância bruta de nossa própria imaginação, instala-se como um enigma tão inquietante quanto a violência da exclusão que sofremos e cujas feridas jamais se fecharão.

9 Nossa criança aqui é uma erudita vitoriana e ainda não tinha celular.

E SE TRAIR FOSSE UMA PISTA SOBRE O QUE NUNCA CONSEGUIMOS DOMESTICAR EM NÓS?

Há algo no amor que resiste a qualquer contrato. Por mais que tentemos sistematizar o desejo em promessas, acordos e certezas, o sexual insiste em escapar, abrindo brechas por onde atravessam segredos, fantasias, riscos e liberdades. E talvez seja justamente nessas fissuras – tão temidas quanto desejadas – que se revelem as verdades mais incômodas sobre o que buscamos quando amamos e somos amados de volta.

Do amor e seu avesso, do psicanalista e escritor Lucas Charafeddine Bulamah, é um ensaio provocativo, sensual e elegante, que percorre territórios do erotismo, da monogamia, da infidelidade e dos impasses da vida amorosa para resgatar uma dimensão frequentemente esquecida pela própria psicanálise: a potência inquietante do sexual. Entre psicanálise, literatura, cinema, sociedade e as contradições do nosso tempo, o livro convida o leitor a olhar através do buraco da fechadura e a se aproximar do amor pelo próprio avesso – onde convivem, inseparáveis, prazer, caos e desejo.

“Lucas fala de relação aberta, mas pra mim ele sempre esteve fechado. Não respeito.”

Tati Bernardi, autora de *A boba da corte*

•

“Um passeio ao mesmo tempo leve e tenso pela teoria psicanalítica das relações amorosas.”

Fábio Belo, autor de *Ensaio de psicanálise e alguma poesia*

•

“Uma excelente leitura para quem rejeita narrativas confortáveis.”

Rita von Huntz, autora de *Formas de narrar um corpo*

•

“Neste livro – inesperadamente, talvez – há final feliz para os casais. Um final sujo, grotesco, difícil, sempre em risco, mas honesto e feliz, enquanto durar.”

Ligia Gonçalves Diniz, autora de *O homem não existe*

PAIDÓS



9 788542 243581